



Giuseppino De Roma

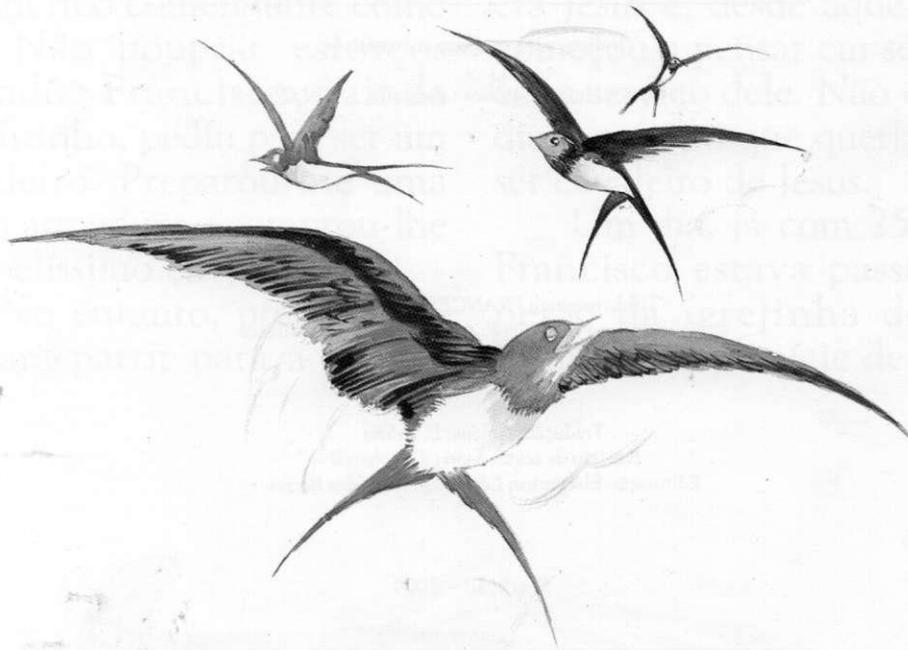
# FRANCISCO de Assis



Giuseppino De Roma



# Francisco de Assis





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

De Roma, Giuseppino  
Francisco de Assis / Giuseppino de Roma; | tradução Antonio  
Efro Feltrin I. — São Paulo: Paulinas, 1996. — (Coleção grandes históri-  
as para pequenos leitores)

I. Francisco, de Assis, Santo, 1181 ou 2- 1226 I. Título. II. Série  
96-0048 CDD-282.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092

Título original: FRANCESCO D'ASSISI  
© Figlie di San Paolo, Via F. Albani, 21 - 20149 Milano.

Tradução: Antonio E. Feltrin  
Revisão de texto: Maria T. Voltarelli  
Editoração Eletrônica: Lilian Regina da Silva Borges

5ª edição - 2004

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por  
qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,  
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou  
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

**Paulinas**

Rua Pedro de Toledo, 164  
04039-000 - São Paulo - SP (Brasil)  
Tel.: (11) 2125-3549 - Fax.: (11) 2125-3548  
<http://www.paulinas.org.br> - [editora@paulinas.org.br](mailto:editora@paulinas.org.br)  
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo - São Paulo, 1994

## Francisco escolhe ser pobre

Francisco nasceu em Assis, na Itália, em 1181. Seus pais foram Pedro Bernardone e Dona Pica. Pedro, homem de caráter forte e autoritário, desejava que o filho chegasse a ser um rico comerciante como ele. Não poupou esforços quando Francisco, ainda juvenzinho, pediu para ser um cavaleiro. Preparou-lhe uma linda armadura e comprou-lhe um belíssimo cavalo.

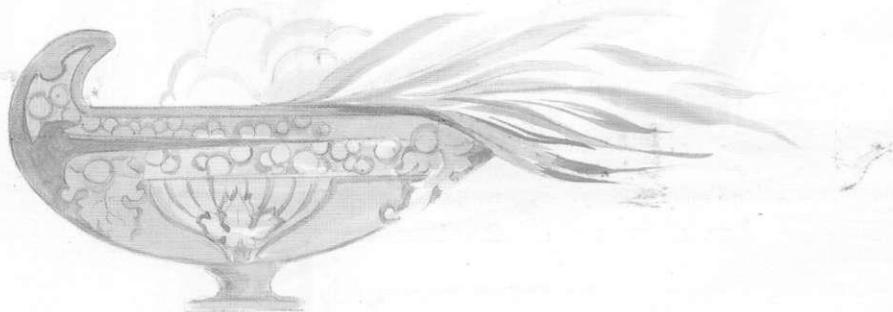
No entanto, preparando-se para partir para a guerra,

Francisco ouviu uma voz que lhe dizia:

— Por que você quer ser cavaleiro de um conde e não de um rei?

Ele entendeu que este rei era Jesus e, desde aquele dia, começou a pensar em se colocar a serviço dele. Não entendia, porém, o que queria dizer ser cavaleiro de Jesus.

Um dia, já com 25 anos, Francisco estava passeando perto da igreja de São Damião, na planície de Assis.



Ela estava abandonada e caindo aos pedaços. Entrou, ajoelhou-se diante de um grande crucifixo. Pareceu-lhe então, ouvir uma voz vinda de Jesus crucificado:

— Minha casa está caindo. Quero que você a reforme.

Francisco compreendeu que ser cavaleiro de Jesus significava pôr-se a serviço dos pobres, na Igreja de Nosso Senhor. Então, deixando a casa

paterna, entregou ao pai tudo o que tinha, até mesmo as roupas que estava usando, e começou a reforma da igreja de São Damião.

O jovem vivia sempre alegre, como devia viver um verdadeiro cavaleiro. Tinha uma voz muito suave e afinada. Com muita freqüência punha-se a cantar os louvores, a glória e a honra do Deus altíssimo e todo-poderoso.



## Vai com seus amigos a Roma falar com o Papa

Pouco tempo depois, outros jovens uniram-se a Francisco. Então, ele disse aos companheiros:

— Meus irmãos, vejo que Deus altíssimo e misericordioso vai fazer nossa comunidade crescer. Vamos a Roma pedir ao Papa que nos permita continuar nesse modo de viver, segundo o Evangelho, como verdadeiros cavaleiros de Cristo.

A proposta agradou aos frades. E o grupo partiu. Caminhavam descalços, felizes, cantando os louvores de Deus.

Até a natureza parecia tomar parte na alegria daqueles frades. O sol brilhava bem no alto, no céu, símbolo e imagem de Deus que ilumina a mente e aquece o coração dos homens. Apontando-o para os companheiros, Francisco disse:

— Meus irmãos, o sol é a maior de todas as criaturas. Ele brilha durante o dia para nos iluminar. Louvemos a Deus por este nosso irmão tão belo, tão cheio de esplendor!

Chegando em Roma, foram recebidos pelo Papa Inocência III. Francisco manifestou-lhe o propósito de viver uma vida obediente, casta e pobre, sem possuir nada, segundo o exemplo do Senhor Jesus.

O Papa aprovou a regra dos frades e os autorizou a pregar, por toda a parte, o Santo Evangelho.

Também uma jovem de Assis, chamada Clara, quis ir para o convento de São Damião a fim de seguir o exemplo de Francisco. Lá, com outras companheiras, ela viveu no isolamento e na mais rigorosa pobreza.

## Clara e a lua no poço

Certo dia, Francisco encontrava-se longe de Assis, em companhia de frei Leão, apelidado de ovelhinha de Deus. Era a hora do crepúsculo. O sol estava se escondendo por detrás das doces colinas da Toscana. Os dois frades sentaram-se numa pedra perto de um casebre do campo. Tirando da sacola um pedaço de pão escuro, começaram a comê-lo, depois de ter agradecido a Deus.

Em seguida, entraram no depósito de feno daquele casebre. Lá, frei Leão se acomodou e logo adormeceu. Francisco, no entanto, continuou acordado, por muito tempo, em oração. Contemplando o céu estrelado, pôs-se a fitar a lua que, lá do alto, iluminava a noite.

Enquanto frei Leão dormia placidamente, Francisco rezou assim:

“Eu te louvo, ó meu Senhor, por todas as tuas criaturas! Eu te louvo pela irmã lua e pelas estrelas. Tu as colocaste no céu, claras, preciosas e belas!”

Depois, aproximou-se de um poço que havia ali, bem perto do casebre. Debruçando-se sobre ele, percebeu a lua refletida na água. E, na lua, achou que viu um rosto humano sorridente. Tomado de uma grande alegria, Francisco acordou frei Leão para dizer-lhe:

— Frei Leão, ovelhinha de Deus, venha olhar para dentro do poço. Você não vê, no reflexo da lua, o rosto sorridente de Clara? O Senhor altíssimo quis fazer-me entender, com este fato, que nossa irmã está bem e sorri em São Damião.

— Assim seja realmente!  
— respondeu frei Leão, ainda meio sonolento.





## Irmão vento e irmã água

Francisco amava todas as criaturas de Deus: as animadas e as inanimadas. Louvava o Criador não só pelas criaturas vivas como as plantas e as flores, mas também pelo vento, pela chuva, pelo frio e pelo calor, pelas nuvens e pelo orvalho. A todas elas chamava de irmãs e irmãos.

Certo dia, Francisco resolveu embarcar num navio para ir até Marrocos, na África, a fim de pregar o Evangelho. Mas o navio foi abatido por ventos contrários. Assim, ele foi obrigado a desembarcar. Então, comentou com os seus frades:

— O irmão vento não quer que eu vá para Marrocos, agora. Ainda não chegou a hora. Esta é a vontade de Deus, disse-me, hoje, o irmão vento, com sua voz possante.

Frei Francisco amava, de modo especial, a irmã água. E esse seu amor era tão grande que ela lhe obedecia como se fosse uma criatura inteligente.

Num dia de verão, o nosso santo quis subir uma alta montanha para rezar na solidão. Sentia-se muito fraco e doente pelas contínuas penitências e pelos jejuns. Por isso pediu a



um camponês que o levasse para lá, na garupa de seu burrinho.

A montanha estava árida e cheia de pedras muito duras. Lá não crescia nenhum fio de capim, não havia riacho nem fonte.

A um dado momento, cansado pela longa e difícil subida, e sem forças por causa do calor, o camponês começou a gritar:

— Estou morrendo de sede! Se não encontrarmos um pouco de água, não vou agüentar!

Então, Francisco desceu do burrinho, pôs-se de joelhos nas pedras pontiagudas e rezou. Depois, disse para o bom homem:

— Corra até aquela pedra. Lá você encontrará uma fonte de água limpa!

— Que eu saiba — replicou o camponês com a garganta seca — nesta montanha nunca existiu uma fonte. Conheço bem este lugar.

— Nossa irmã água obedece à ordem de Deus — respondeu-lhe Francisco. Supliquei ao Senhor altíssimo e ele me ouviu, fazendo brotar água desta pedra duríssima.

Então o camponês correu até a rocha e realmente encontrou, para seu grande espanto, uma fonte de água fresca e muito limpa. Bebeu bastante daquela fonte, e também o burrinho que estava tão sedento quanto seu dono.



## Irmão fogo

Acima de todas as criaturas não inteligentes, Francisco amava, com uma ternura toda especial, o irmão fogo. Dizia, freqüentemente, a seus frades:

— Irmãos caríssimos, quando cai a noite, todas as pessoas devem louvar a Deus pelo irmão fogo. De fato, por meio dele nossos olhos são iluminados e podemos enxergar no escuro. Todos nós somos como cegos. Por meio deste irmão, Deus nos faz enxergar as coisas.

Por esta razão, o nosso santo sofria muito quando alguém tratava esse irmão, sem cuidado. Para ele, o fogo era uma criatura quase sensível e dotada de inteligência.

Num dia de inverno, Francisco estava contemplando o fogo. De repente, sem que ele percebesse, uma faísca caiu em sua roupa, que começou a quei-

mar. O frade que estava ali por perto, ao perceber aquele princípio de incêndio, correu logo para pegar um balde de água e apagar o fogo. Mas Francisco não aceitou, dizendo:

— Meu querido irmão, eu lhe peço, não faça mal ao fogo.

Então o frade foi correndo até o convento para falar com o Padre Superior. Este chegou logo e ordenou a Francisco, em nome da santa obediência: “Deixe-o apagar o fogo!” Somente assim o santo permitiu que jogassem água para apagar o fogo de sua roupa.

Tinha tamanha compaixão por este irmão tão belo, alegre, robusto e forte, que nunca quis apagar a chama de uma vela, deixando essa incumbência aos seus companheiros. Para ele, apagar o fogo era como matar um irmão.



## Nossa mãe terra

Perto da igrejinha de Santa Maria dos Anjos onde Francisco costumava morar, havia um pequeno terreno onde um campônês cultivava plantas e hortaliças para o sustento dos frades.

Com muita freqüência, o nosso santo parava naquela pequena horta, para contemplar a beleza das plantas, das flores e até de cada fio de capim. Dizia aos frades:

— Irmãos, nossa mãe terra produz muitos frutos para o sustento do nosso corpo, e também flores para que possamos louvar o Senhor todopoderoso. De fato, cada criatura nos diz, com sua voz, seu

perfume e suas cores: Deus me criou para você, ó homem!

Ao frade encarregado de cortar lenha para queimar, recomendava com a voz embargada pelo pranto:

— Irmão, não faça mal à árvore, cortando os galhos ainda vivos. Corte apenas os galhos secos, para esta nossa irmã não sofrer muito.

E ao frade que cultivava a horta, dizia com freqüência:

— Não plante somente ervas, verduras e legumes; plante também flores para que elas, com seu perfume e suas cores, possam louvar a Deus que as criou.

Quando, ao longo do caminho, Francisco via canteiros de flores, parava e as convidava a louvar a Deus todo-poderoso. O mesmo fazia com as outras plantações, com as parreiras, os bosques e os campos.

O nosso santo demonstrava um amor todo especial aos animais. Todos, do lobo à cigarra, do burro à cotovia, ele considerava como irmão e irmã.

Recolhia do chão insetos e pequenos vermes para que não fossem pisoteados. E, antes de devolvê-los às plantas,

observava-os demoradamente, tendo-os na palma da mão. Às abelhas queria que se desse mel e ótimo vinho para que, no rigor do inverno, não morressem de fome.

Entre todos os animais, amava, em particular, os mais mansos como as ovelhas, os cordeiros e os passarinhos. Por sua vez, eles se esforçavam para retribuir o amor do santo. Pareciam se alegrar e sorrir quando Francisco os acariciava; responder, quando os interrogava, e obedecer, quando lhes dava alguma ordem.





RUFFINELLI

## O Cântico das criaturas

A vida de Francisco caminhava para o fim. No inverno de 1224, ele subiu o monte Verna, na Toscana, para se recolher em oração.

Ajoelhado na rocha, pôs-se a rezar a Jesus crucificado. E, enquanto rezava, apareceram-lhe nas mãos, nos pés e no peito, as mesmas chagas de Jesus na cruz.

Levaram-no, então, ao convento de São Damião, onde lhe prepararam, no jardim, uma pequena cabana para que pudesse descansar. Numa noite, enquanto sofria muitas dores, recebeu de Jesus a certeza de que iria para o céu. Então, cheio de grande alegria, Francisco compôs o Cântico das criaturas.

Por dois longos anos, antes de morrer, nosso santo teve, no corpo, aquelas chagas de Jesus crucificado. Na primavera de 1226, percebendo que a saúde de Francisco ia piorando sempre mais, o bispo obrigou-o a ficar com ele a fim de receber os cuidados necessários que seu estado físico exigia.

Enquanto estava lá, o bispo e o prefeito de Assis entraram em grande discórdia. Então Francisco disse a seus frades:

“É uma vergonha para nós, frades, que o bispo e o prefeito não estejam de acordo entre si. Talvez nós lhes tenhamos dado mau exemplo. Frei Leão, pegue a caneta e acrescente ao Cântico das criaturas:

Louvado sejas, meu Senhor,  
por aqueles que perdoam por causa de teu amor,  
e suportam enfermidades e tribulações.  
Bem-aventurados os que as suportam em paz,  
porque serão coroados por ti, ó Altíssimo.



Depois, mandou chamar, para junto de seu leito, o prefeito e o bispo, recitando para eles todas as estrofes do Cântico:

Altíssimo, onipotente e bom Senhor,  
a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.  
A ti somente, altíssimo, se podem dar,  
e nenhum homem é digno nem mesmo de pronunciar  
o teu nome.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas  
criaturas, especialmente por meu irmão sol,  
que brilha durante o dia e nos ilumina.  
Ele é belo, radiante e cheio de esplendor.  
De ti, altíssimo, ele é símbolo e imagem.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
pela irmã lua e as estrelas:  
no céu as formaste claras, preciosas e belas.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento;  
e pelo ar, as nuvens, o orvalho e todas as  
estações pelas quais sustentas as tuas criaturas.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,  
que é muito útil, humilde, preciosa e pura.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,  
com o qual iluminas a noite:  
ele é belo, alegre, robusto e forte.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã e mãe  
terra, que nos sustenta e nos governa,  
e produz muitos frutos, flores coloridas e ervas.

Assim que frei Francisco terminou de recitar, com seus frades, as estrofes do perdão, o bispo e o prefeito de Assis se abraçaram como irmãos, reconciliados e comovidos.



## Irmã morte

No fim do mês de setembro de 1226, frei Elias, que assistia com muito carinho o servo de Deus, lhe disse:

— Pai, sua vida foi um modelo para os frades e para toda a Igreja de Deus. Assim será a sua morte. Saiba, porém, que lhe resta pouco tempo de vida. Foi o que disseram os médicos.

Francisco, muito abatido pela doença e quase cego, mas radiante de alegria, respondeu com voz muito fraca:

Louvado sejas, meu Senhor,  
pela nossa irmã morte corporal,  
da qual nenhum homem vivo pode escapar.

Felizes os que a morte encontrar  
na tua vontade santíssima.

Louvai e bendizei o meu Senhor,  
agradecei-lhe e servi-lhe com grande humildade.

Tendo acabado de ditar esta estrofe, disse a frei Ângelo e a frei Leão: “Agora, meus irmãos, o Cântico está completo. Cantem-no por in-

— Frei Elias, muito obrigado pela notícia que me deu. Se minha morte está muito próxima, chame frei Ângelo e frei Leão.

Frei Elias foi imediatamente chamar os dois frades. Quando eles chegaram perto da cama do santo, este disse a frei Leão:

— Ovelhinha de Deus, tome nota e escreva esta última estrofe que quero acrescentar, agora, ao Cântico das criaturas. E pôs-se a cantar assim:

teiro, e eu, como puder, procurarei acompanhá-los”.

Com lágrimas nos olhos e com voz trêmula, os dois frades cumpriram a ordem do pai mui-

Il testamento di Francesco



RUFFINELLI



to amado, enquanto ele, movendo apenas os lábios, os acompanhava com sua voz fraquinha.

E àquele cântico uniram-se invisíveis mas bem presen-

tes todas as criaturas que Francisco tanto amou. Uniram-se também as vozes das criaturas do mundo inteiro, que amavam muito este nosso santo.

## O testamento de Francisco

Na tarde de 3 de outubro, sentindo que a morte estava se aproximando, Francisco pediu que o deitassem no chão, na terra nua, perto da igrejinha de Santa Maria dos Anjos, onde tinha começado a sua obra.

Depois, chamou para perto de si os frades que moravam naquele lugar. À sua esquerda frei Elias, vice-superior e, ao redor, em círculo, frei Bernardo, frei Egídio, frei Felipe, frei Masseu e frei Leão, ovelhinha de Deus.

Depois de abençoar a cidade de Assis, conservando as mãos cruzadas no peito, disse-lhes:

— Adeus, meus filhos! Vivam no amor de Deus. Amem todas as criaturas. Meu

encontro com Deus está próximo: tenho fé que irei para junto dele, porque eu o amei e servi como convém a um verdadeiro cavaleiro.

Depois, estendendo os braços em forma de cruz, acrescentou:

— Eu, pobrezinho e pequeno, por quanto me é possível, os abençoo, em nome do Senhor Altíssimo.

Em seguida, pediu que lessem para ele um trecho do Evangelho. Terminada a leitura, começou a recitar um salmo que diz:

“Com minha voz, eu grito ao Senhor”.

E recitou-o até o último versículo:

“Esperam-me os justos, Senhor, no momento em que me deres a recompensa”.

Enfim, sabendo que deveria tornar-se pó, pediu aos frades que o cobrissem de cinzas.



E, enquanto eles rezavam, co-  
movidos, o santo adormeceu  
no Senhor.

Era o dia 3 de outubro de  
1226. Francisco não tinha ain-  
da completado 45 anos.



## A última saudação de todas as criaturas

Exatamente na hora da morte deste nosso santo, as irmãs cotovias, que gostam da luz e têm medo da escuridão, embora a noite estivesse para chegar, vieram em bandos e voaram demoradamente, formando amplos círculos sobre a igreja de Santa Maria dos Anjos. Cantavam alegremente como que para prestar homenagem ao santo que tantas vezes as convidava a louvar a Deus, e que as chamava de irmãs.

A notícia da morte de Francisco espalhou-se como um relâmpago. Por isso, logo ao nascer do sol, os habitantes de Assis acorreram para venerar o corpo do santo, em Santa Maria da Porciúncula. Eram homens, mulheres e sobretudo crianças com ramos de

árvores, como tinham feito as crianças à entrada de Jesus na cidade de Jerusalém.

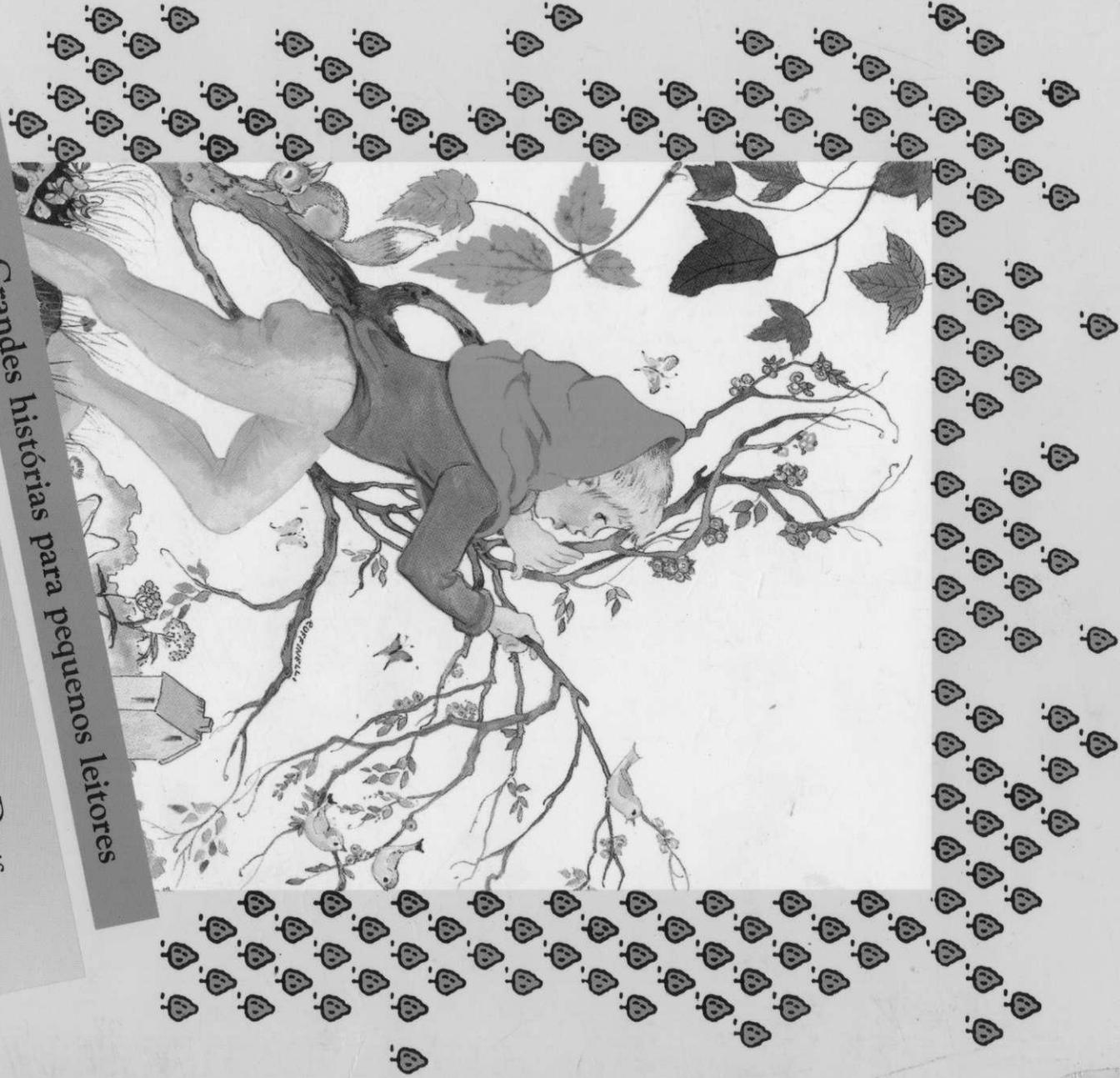
Na verdade, naquela noite santa, acompanhado pelo canto de todas as criaturas, São Francisco tinha entrado na Jerusalém celeste, cantando com os anjos os louvores de Deus Altíssimo.

Terminou, assim, a caminhada terrena deste homem cheio de misericórdia, sempre pronto a se compadecer e a perdoar. O homem que, mais do que qualquer outro, viveu como Jesus e amou todas as criaturas pequenas e grandes, vivas ou inanimadas. E, sobretudo, o homem que amou ternamente a Deus, Pai e Criador do irmão sol, da irmã lua, das estrelas, da mãe terra e de todas as outras coisas.



## Índice

<i>Francisco escolhe ser pobre.....</i>	3
<i>Vai com seus amigos a Roma falar com o Papa .....</i>	6
<i>Clara e a lua no poço .....</i>	7
<i>Irmão vento e irmã água .....</i>	10
<i>Irmão fogo .....</i>	14
<i>Nossa mãe terra .....</i>	16
<i>O Cântico das criaturas .....</i>	20
<i>Irmã morte .....</i>	24
<i>O testamento de Francisco .....</i>	27
<i>A última saudação de todas as criaturas.....</i>	30



Grandes histórias para pequenos leitores

O jogaal de Deus,

o santo que ama, mais do que ninguém, a natureza,  
e chama os animais de "meus irmãos".

